

Povos Indígenas no Brasil

Fonte: Comio Braziliense Class.: Panamé
 Data: 20/06/67 Pg.: 12/101

Cachimbo está guarnecida enquanto avião C-47 continua desaparecido

TEXTO E FOTOS DE ALENCAR MONTEIRO

Depois de dias agitados na região de Cachimbo, onde um grupo de índios "Krain-Akores" tentou se aproximar, em atitude agressiva, para a base aérea ali existente, a situação voltou à normalidade, mas continua desaparecido o avião C-47, que saíra de Belém com 25 pessoas, entre os quais 23 soldados, para proteger aquele destacamento. Os trabalhos de busca sob a direção do major Luis Cunha continuaram ontem, empregando 21 aeronaves militares, com pára-quadistas preparados para enfrentar qualquer dificuldade da floresta amazônica, onde se presume que o C-47 tenha caído.

O brigadeiro Alfredo Gonçalves Correia, comandante da VI Zona Aérea fez uma visita de inspeção, domingo passado, à região de Cachimbo, acompanhado de jornalistas. A situação ali ficou esclarecida, e a não ser o pânico que se apoderou das famílias dos militares, o episódio do dia 15, que foi anunciado como um ataque armado de índios, não teve consequências mais graves.

O comandante do destacamento, suboti-

tal José Gomes de Assis, relatou para os repórteres o que foi a "invasão" dos índios "Krain-Akores". Disse que, no dia 15, por volta das 6 horas, a índia Paulina, da tribo Mundurucu, que trabalhava para as famílias dos militares em Cachimbo, avisou que um grupo de homens se aproximava do destacamento. O comandante acrescenta que, sem nenhuma arma, dirigiu-se para a pista de pouso, avistando cerca de dez índios, armados de burundus, arcos e flechas. Mais atrás, uns 80 silvícolas pareciam querer tomar o acampamento. O comandante Assis tentou contato com os índios armados, mas estes recusaram, sendo, então preparados nove soldados, armados de fuzis e com pouca munição, para conter qualquer agressão por parte dos índios.

Nesse momento, o brigadeiro Rubens Serpa, comandante da 3.ª Zona Aérea, chegou àquela região, pilotando um C-47, que ali seria abastecido. Ao aproximar-se do campo de pouso, avistou algo de anormal, percebendo que índios estavam ocupando a pista. Fazendo dois voos

rápidos, os índios fugiram, de tanto medo do armamento. Ao descer e tomar conhecimento da situação, o brigadeiro Serpa pediu à 1.ª Zona Aérea, sediada em Belém, que deslocasse um contingente de soldados para guarnecer a base de Cachimbo, no caso de que os índios voltassem. Um avião da Vasp, que pousava em Cachimbo pouco depois, em viagem normal, foi utilizado para transportar a família dos militares.

OS REFORÇOS

Tomando conhecimento de que estava acontecendo, através de um telex de Belém, a 6.ª Zona Aérea, de Brasília, por determinação superior, assumiu o comando da operação de segurança. Em comunicação com a base de Belém, o comandante Alfredo Correia Gonçalves foi informado de que um avião, conduzindo soldados e armamentos, saíra de Belém, enquanto outros dois saíam de Manaus. De Brasília foram deslocados dois aviões, levando soldados e armas, e mais seis da Esquadilha de Reconhecimento e Armada, transportando metralhadoras e outros equipamentos de

guerra. Também o Serrito de Pôrto dos Índios emou funcionários, para a custódia pacífica com os índios.

Os dois aviões que partiram de Belém e Manaus não chegaram a Cachimbo. O de Belém, conduzindo 23 militares e dois civis, chegou a Jacareacanga com dificuldades no tentou alcançar Cachimbo, ao retornar. Foi nessa rota que se deu a queda ou, na melhor das hipóteses, um pouso forçado.

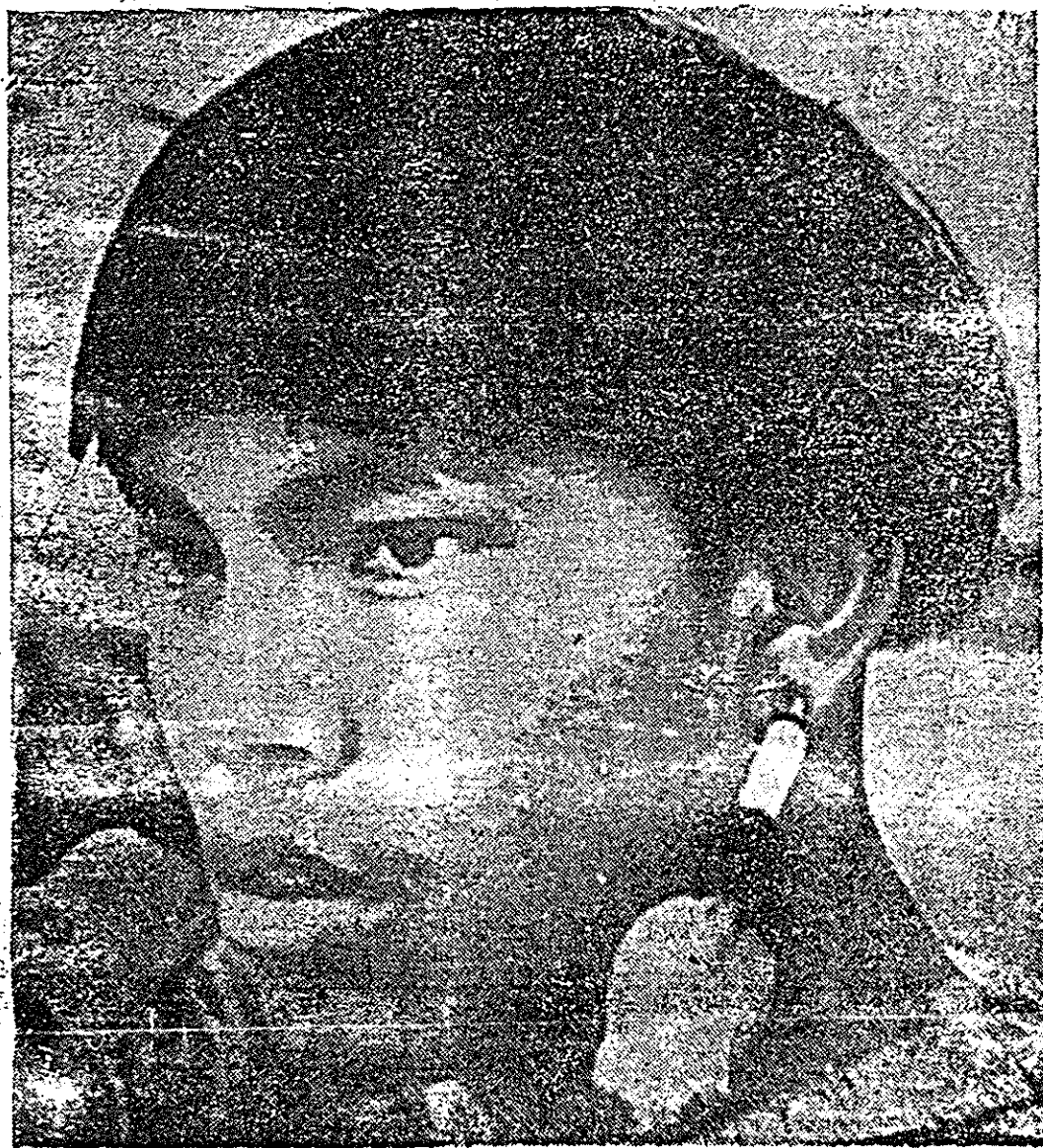
O avião procedente de Manaus com "pára-quadistas", em Jacareacanga, não prosseguindo a viagem. Quanto aos reforços da 6.ª Zona Aérea, ficaram em Cachimbo apenas os dois aviões que chegaram com soldados para ocupar a região de Cachimbo. Os aparelhos da Esquadilha de Reconhecimento e Armada, bem como o pessoal do SPI, regressaram, uma vez constatada a calma em Cachimbo.

BUSCAS

As buscas para localizar o avião C-47, perdido na floresta amazônica, prosseguem incessantemente, na tarde de ontem. Sabese que o avião tentou regressar à base de Jacareacanga, depois de haver constatado que não poderia alcançar a região de Cachimbo. As últimas informações, captadas em Brasília e em Belém, davam conta de que toda a carga estava sendo alijada, bem como o combustível, para facilitar um pouso de emergência.

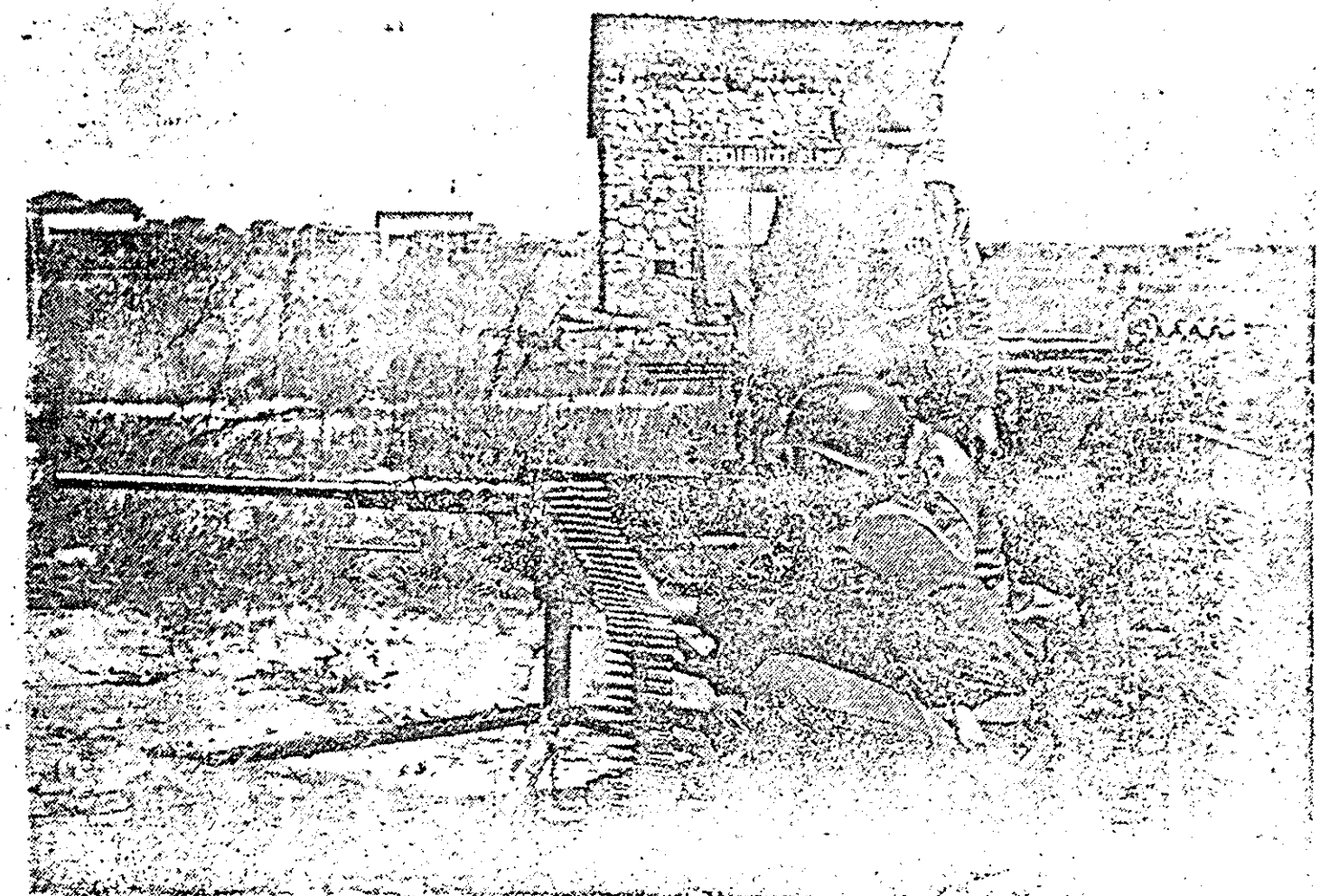
O avião da FAB desaparecido, conduzia os seguintes tripulantes e passageiros: primeiro-tenente Milton Nogueira de Almeida e Moisés Silva Filho; capitão Paulo Fernandes; segundo-tenente Raimundo Renato Godinho de Moraes; Raimundo Mirassol Botelho e Nilo Favareiro; tenente-sargento Gilberto Barbosa de Sousa; cabos Raimundo Wilson Aguiar Garcia, Nelson Otir da Silva Barros, Geraldo Odévero Brito, José Maria da Silva e Rosemário Batista Neto; soldados Brígido Tomás de Sousa, Nelson Nunes de Silva, José Maria Teodoro, Mário Neves de Araújo, Gil Cordeiro Guimarães, Alcindo Guilherme da Silva Cruz, Luis Maximiliano de Sousa, Feij Ivan Manuel Pinheiro Brito, Elói Barbosa Andrade, Luis Telli e José Evangelista de Lima, além dos civis Afonso Alves da Silva, do SPI, e o chefe Brígido da tribo Mikromony, da tribo Mikromony.

GIGANTES

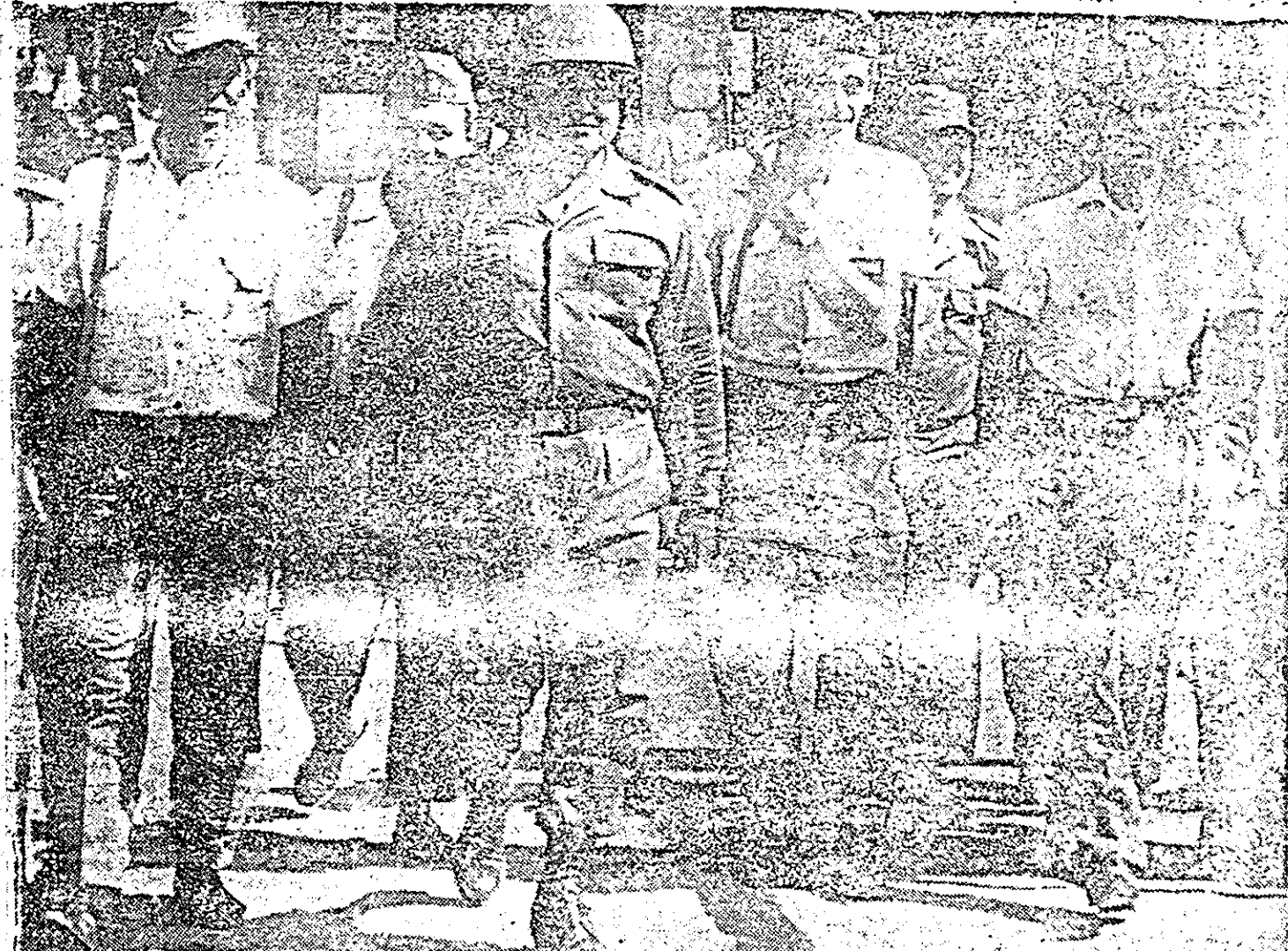


Os índios «Krain-Akores», por não terem nenhum contato com a civilização, são considerados ferozes. O que se vê na foto, apareceu no último dia 15, na Base de Cachimbo. São fortes e em média, têm a altura de dois metros. O cerco que fizeram à Base, causou inquietação entre as famílias dos militares, que foram evacuadas, em um avião da VASP. Provocaram, ainda, a vinda de dois aviões, respectivamente de Belém e Manaus, sendo que o primeiro desapareceu na selva mobilizando, agora, os serviços de busca e salvamento, chefiados pelo major Luis Al-

BASE PROTEGIDA



Ao ser informado da situação em Cachimbo, o brigadeiro Alfredo Gonçalves Correia, comandante da 6.ª Zona Aérea, sediada em Brasília, assumiu o comando da operação de segurança, por determinação superior. Oito aviões seguiram da Capital, sendo dois com homens e armamentos leves e seis da Esquadilha de Reconhecimento Armado, conduzindo metralhadoras e equipamento pesado. Apenas os dois primeiros permaneceram, depois de serenados os ânimos, mantendo um número de homens suficiente para evitar qualquer ataque silvícola.



O suboficial José Gomes Assis, comandante do destacamento, tentou dialogar com os índios, mas estes recusaram, como se tomassem posição estratégica para o ataque. Em vista disso, nove soldados foram instruídos para controlar as ações dos «Krain-Akores», evitando-se sempre qualquer ato de hostilidade. Os índios só se afastaram quando chegou um avião da FAB, pilotado pelo brigadeiro Rubens Serpa, que, ao descer, tomou as primeiras providências para guarnecer o destacamento de Cachimbo